

I DON'T KNOW ENGLISH: OS RECURSOS MIDIÁTICOS COMO COLABORADORES NA APRENDIZAGEM EM LÍNGUA INGLESA¹

Potira Benittes de Moura Dutra²

RESUMO

Com o objetivo de alcançar resultados satisfatórios no trabalho com a Língua Estrangeira, particularmente a Língua Inglesa, é necessário dar atenção ao modo como a mesma tem sido abordada, às metodologias utilizadas para tornar o ensino de uma Segunda Língua prazerosa e atual. O papel do educador ao utilizar todos os recursos disponíveis - especialmente os midiáticos que estão tão inseridos no cotidiano dos aprendizes, a fim de “aproximá-los” do ensino de Inglês - se soma à compreensão da importância da habilidade de se comunicar em um outro idioma. Nesse sentido, os princípios teórico-metodológicos abordados nesta pesquisa avançam para a elucidação da importância da utilização dos recursos midiáticos como suporte à aprendizagem de Língua Inglesa, mostrando a eficácia desta união a partir de revisão bibliográfica e relato de experiências vivenciadas pela pesquisadora.

PALAVRAS-CHAVES: Desmistificar. Aquisição. Mídia. Língua Inglesa.

ABSTRACT

Aiming to reach resulted satisfactory in the work with the Foreign Language, particularly the English Language, it is necessary to give attention to the way as the same one has been boarded, to the used methodologies to become the education of one Second Language pleasant and current. The paper of the educator when using all the available resources - especially the midiatics that are so inserted in the daily one of the apprenticees, in order “to approach them” of the education of English - is added to the understanding of the importance of the ability of if communicating in one another language. In this direction, the boarded principles theoretician-methodologies in this research advance for the briefing of the importance of the use of the midiatics resources as it has supported to the learning of English Language, showing to the effectiveness of this union from bibliographical revision and story of experiences lived deeply for the researcher.

KEY-WORDS: To demystify. Acquisition. Media. English language.

¹ Trabalho realizado para conclusão do Curso de Especialização em Mídias na Educação, pela UFSM – Universidade Federal de Santa Maria – RS.

² Licenciada em Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa com respectivas Literaturas pela UNICRUZ – Universidade de Cruz Alta (Cruz Alta – RS) e especialista em Metodologias do Ensino da Língua Inglesa, pelo Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), de Santa Maria – RS.

1 INTRODUÇÃO

Aprender um segundo idioma é considerado por alguns alunos algo instigante, por outros um grande desafio e, infelizmente, para uma boa maioria, uma obrigação. Nota-se que, por um lado, em muitos casos, essa disciplina é vista com aversão e medo, levando os alunos a apenas reproduzir regras, sem se preocupar com o entendimento da L2 (doravante Segunda Língua), utilizando apenas a compreensão gramatical. Por outro lado, os docentes resistem em utilizar diferentes mídias para tornar o ensino de sua disciplina atrativo para os alunos.

Diante dessa realidade, surgem questionamentos como: onde o processo de aquisição da linguagem tem deixado lacunas na aprendizagem de uma segunda língua, no caso a inglesa? Por que os alunos, que gostam tanto de novidades e usam tecnologias avançadas que exigem conhecimentos básicos no idioma (como *on*, *power*, *delete*, entre outras) se afastam do gosto em aprender a Língua Inglesa? E como o uso destas tecnologias podem reverter em aprendizado e ampliação do conhecimento? Como o professor utilizará este suporte como ferramenta de aprendizagem para ele próprio e para seus alunos?

Esta abordagem, sob a perspectiva do papel e do posicionamento do professor na utilização de mídias associadas às disciplinas que ministra é o centro desta pesquisa, uma vez que se pretende mostrar, a partir de aporte teórico relevante, que o educador pode conseguir explorar novas formas de conhecimentos de forma despretensiosa, mas que propicie a desinibição, a interação, a criatividade justamente por ser num ambiente envolvente como o das Tecnologias de Informação e Comunicação.

As TICs podem ser definidas como um conjunto de recursos tecnológicos que, se estiverem integrados entre si, podem proporcionar a comunicação e a interação não só nas atividades profissionais, no ensino e na pesquisa científica, como também na qualidade e melhoria da vida do homem.

Propõe-se, então, neste artigo, demonstrar a importância dos recursos midiáticos na construção de saberes, sobretudo em Língua Inglesa, sem que se deixe de valorizar a essência do planejamento deste “[...] uso, observando principalmente se auxilia a legibilidade das informações, quais efeitos sobre a *performance* cognitiva do usuário, etc.” (BRASIL, s.d., p. 04)

Para isso, quer-se provar a partir de relato de experiências e estudos teóricos, que a adequada escolha destes recursos, de forma contextualizada, e com a correta condução e preparo do professor é possível aproximar de modo eficiente e prazeroso o estudante da Língua e explorar de novas formas o que academicamente ele deve saber. Exemplo claro

disso é a expansão pedagógica da criação e manutenção de blogs, de comunidades virtuais em sites de relacionamentos e de programas de rádio na escola.

Sendo assim, conta-se com autores como Paiva (2003) e Kenski (2006), além de materiais estudados no decorrer do Curso de Especialização em Mídias na Educação, como base para a construção do trabalho, dando credibilidade e contribuindo com esclarecimentos técnicos e bibliográficos para a sustentabilidade acadêmica e literária do presente artigo.

2 O PROFESSOR DE LÍNGUA INGLESA E O PRAZER EM APRENDER L2 UTILIZANDO RECURSOS MIDIÁTICOS

Considera-se que o ensino da língua é fundamental “para o dinamismo da cultura”, não sendo suficiente pensar somente em sua codificação ou decodificação, para compreender e aplicar normas corretamente (em Língua Materna ou Estrangeira), mas para recuperar “sua função social, nas suas instâncias de sentido e significação, no desvelamento da realidade e na possibilidade de sua reconstrução” (LOPES *apud* MURRIE, 2001, p. 60-61).

Ao apontar a superação da abordagem tradicional no ensino de línguas, faz-se necessário compreender as concepções acerca do conhecimento e aprendizagem, comparando os discursos pedagógicos com os métodos empregados em sua aquisição, fazendo com que a intervenção pedagógica torne-se um processo de construção, de conquista, e não de mera obrigação do aluno para ganhar nota. (DEMO, 2004)

Porém, para realizar este trabalho, é imprescindível que os professores capacitem os educandos com recursos linguísticos que permitam variadas possibilidades “de comunicação e manifestação de ideias”, a fim de se apoderar da palavra e dela fazer bom uso. Para isso, contudo, é preciso ousar “dar a palavra às crianças e escutá-las”, empenhando-se “em compreender seu contexto cultural”. Isso exige professores “dispostos e preparados teoricamente para identificar seus avanços” (XAVIER & DALLA ZEN, 1999, p. 40).

Semelhante ao estudo da Língua Materna, que deve ser vivida cotidianamente, o desejo por despertar o gosto em estudar uma LE (Língua Estrangeira) tem levado os docentes a inúmeras discussões sobre como motivar, interessar e promover a participação dos alunos para esta disciplina de forma permanente.

Diz Weininger (*apud* LEFFA, 2001) que a crescente globalização econômica e cultural marcou a sociedade de tal forma que dominar a Língua Inglesa se tornou a porta de entrada para atuar em segmentos profissionais variados. Faz-se mister construir condições

favoráveis à aprendizagem de um novo idioma, e, dentre elas, estão a motivação intrínseca (vinda do próprio indivíduo) e extrínseca (de fora para dentro), a escolha de um posicionamento teórico-metodológico condizente com a realidade do sujeito e a função que esta aprendizagem promoverá, a compreensão do período de desenvolvimento que o indivíduo está passando e a observação das habilidades/competências que o mesmo possui ou precisará desenvolver para que o processo de ensino-aprendizagem se efetive.

Neste sentido, é importante que o professor utilize todos os recursos disponíveis para promover a aprendizagem e quebrar a resistência em dominar outra língua. Os recursos midiáticos servem fortemente para este fim, pois permitem que se explore textos de naturezas distintas, atividades temáticas, realizar ações pedagógicas coletivas, em duplas ou trios, desenvolver jogos, explorar conteúdos e aprendizagens mediante pesquisas variadas, etc.

Para Almeida Filho (1993), este educador deve ministrar os conteúdos de forma relevante e significativa³, usando assuntos que façam parte da vida do aluno (considerando suas particularidades, diversidade e individualidades), como os games, as músicas, os filmes, entre outros.

Por isso, o incentivo à opção de buscar aporte em mídias variadas para aguçar o conhecimento e a criatividade de alunos e professores se encaixa perfeitamente no que diz Brown (1994) quando se alia o conceito de autoconfiança e motivação ao da possibilidade de se envolver em processos midiáticos de autoria e da autonomia em aprender permitidas pela integração mídias + aprendizagem formal.

Um passo importante nesta mudança é reconhecer que na idade em que os alunos têm início na Língua Inglesa quanto idioma estrangeiro, por volta dos 11-12 anos, é a fase da curiosidade, onde o avanço tecnológico fascina e as mídias têm total inferência, por isso é essencial aproveitar esta oportunidade.

Conforme Piaget⁴ (BOCK, FURTADO, TEIXEIRA, 1994, p. 89), é o início da adolescência, período das operações formais onde há “[...] a passagem do pensamento

³ “Para aprender significativamente, o estudante precisa ter uma atitude aberta (motivação) para estabelecer vínculos (relações) entre os conteúdos que já conhece e os novos conteúdos, definindo, também, o grau de clareza das novas relações estabelecidas (significados mais ou menos exatos, precisos). Outro critério fundamental para a aprendizagem significativa é a funcionalidade dos conteúdos (conhecimentos, habilidades, valores) aprendidos, isto é, o quanto esses conteúdos podem ser, efetivamente, utilizados nas situações da prática profissional, em questão. Dessa forma, o valor educativo de um projeto educacional está na capacidade de proporcionar aos estudantes experiências (atividades educacionais) que produzam um desequilíbrio no seu conjunto de conhecimentos (previamente organizado) e uma modificação dessas esquemas (revisão, construção, enriquecimento)”. (KOMATSU *et al*, 2003, p. 07)

⁴ “A teoria de Piaget apresenta também a dimensão interacionista, mas sua ênfase é colocada na interação do sujeito com o objeto físico; e, além disso, não está clara em sua teoria a função da interação social no processo

concreto para o pensamento formal, abstrato”, indicando que ao permitir que os alunos construam o conhecimento (como pesquisando na internet, participando de ações voltadas à divulgação – como nas mídias impressas e de uso de imagem, etc.) eles o reelaboram, criam, buscam novas alternativas e informações, e consolidam a aprendizagem. Bock, Furtado e Teixeira (1994, p. 91) dizem que esta é a fase em que o “[...] indivíduo caminha então para um aumento gradual do desenvolvimento cognitivo, em profundidade”.

A possibilidade de trabalhar não somente a Língua Inglesa, mas abrir a perspectiva para as demais disciplinas a partir da utilização de recursos midiáticos, vem reforçar o conhecimento cultural e o fortalecimento da própria identidade. Norton (2000, p. 11) assegura que quando aprendizes manipulam a língua das mais diferenciadas formas, eles estão “[...] constantemente, organizando e reorganizando o sentido de quem eles são e como eles se relacionam com o mundo social”.

Assim, o uso de *softwares* educativos e de material digital criado para ser usado *online* ou *offline*, voltando as mídias para a aprendizagem, favorecem a proximidade do aluno com a L2 e podem auxiliar no desenvolvimento das quatro habilidades previstas nos PCNs + (falar, ouvir, escrever e ler em Língua Inglesa). Isto porque o educador pode aliar tecnologia, mídias e o ensino através de diferentes narrativas filmicas podem ser criados diálogos e outras ações que envolvam habilidades associadas, assim como o uso de músicas, textos e vídeos pesquisados e produzidos inclusive pelos próprios alunos.

Moore e Kearsley (2007, p. 07) fortalecem esta ideia destacando que “o poder e a atração da tecnologia *online* estão no seu potencial para dispor de *todas* as formas de mídias”, podendo explorar, desta feita, o som, o texto, a imagem e todos os inúmeros dispositivos permitidos por essas mídias e pela capacidade criadora do professor.

Ou seja, quando o professor atua integrando sistemas e recursos passa a ter uma oportunidade ímpar: esclarecer seus alunos sobre a língua e sua constituição, permitir novas aprendizagens, estimular a autonomia em buscar conhecimento e em repassá-lo para seus pares, trabalhar com o preconceito e a discriminação linguística, analisar o papel da língua e da linguagem (nativa ou não) quanto mecanismo de controle social e de reprodução do sistema e do poder.

de conhecimento” (BOCK, FURTADO & TEIXEIRA, 1994, p. 94). Ele não desconsidera, portanto, o fato do homem relacionar-se e aprender com o meio, mas enfoca que a motivação precisa ser de dentro para fora, ou seja, provocada.

3 RECURSOS MIDIÁTICOS COMO COLABORADORES NA APRENDIZAGEM: RELATO DE EXPERIÊNCIAS

A disciplina de Língua Estrangeira demorou a ser considerada importante no currículo, entretanto, ainda não tem o mesmo respaldo que a Língua Portuguesa ou a Matemática, por exemplo. Talvez em decorrência da pouca valorização e até mesmo da dificuldade de formação de um bom profissional nessa área, as instituições de graduação e especialização acabam não tendo muito público. Para Paiva (2003), boa parte dos educadores que buscam habilitação em Letras, preferem atuar no idioma materno.

Olhando para a utilização das mídias, muitos outros professores se recusam a apostar na inserção destes recursos por acreditarem que o uso da aprendizagem tradicionalmente instituída é um caminho mais fácil, conhecido, onde não há riscos nem se necessita de maior conhecimento e pesquisa. E isso não ocorre somente na disciplina de Língua Estrangeira ou nas Séries/Anos Finais: os exercícios repetitivos, desprovidos de significado e aplicabilidade, afastam o aluno do comprometimento com sua aprendizagem e transferem a importância da educação para uma nota dentro da média na avaliação do final do bimestre.

Cunha (2004) defende que é imprescindível que professor e aluno aprendam juntos; a autora ressalta a necessidade de se implantar procedimentos de gestão participativa do ensinar e do aprender, onde todos são responsáveis pelas experiências, pela construção de soluções, pela análise dos resultados. Também focaliza que estas condições levam à reconfiguração de saberes, revendo posicionamentos, expandindo a visão de alunos e professores sobre o mundo ao seu redor e sobre os conceitos que já possuem. (CUNHA, 2004)

Apostando neste pensamento de que há a possibilidade de conceber uma aprendizagem compartilhada e incrementada pelo uso de mídias, as experiências que a pesquisadora tem em Língua Inglesa, quanto possibilidade de um novo ensinar-aprender, baseiam-se nos dois anos em que atuou frente às turmas de 7^a e 8^a séries, de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental de Tupanciretã, e na experiência como membro da Coordenação Pedagógica das Línguas Portuguesa e Inglesa (junto à Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto⁵, também por dois anos), além das experiências vividas cotidianamente junto às Séries/Anos Iniciais.

Quer-se ao mostrar as várias vertentes educacionais da utilização positiva das mídias, desmistificar a ideia de que a disciplina de Língua Estrangeira é pouco prazerosa. Através do

⁵ SMECD – Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto.

uso dos recursos midiáticos quer-se, então, provar que o aluno pode se tornar interessado e envolvido no estudo da Língua Inglesa. Neste momento, partirei para os relatos da minha experiência para dar suporte a essa afirmação.

Primeiramente, quando educadora, e sentindo a resistência dos alunos em compreender a importância da aprendizagem de um novo idioma e, ao mesmo tempo, a proximidade deles na utilização de recursos midiáticos, busquei unir os dois conceitos para efetivar ações pedagógicas significativas e aprendentes. Para isso, o principal suporte que tive foi o fato de já estar cursando a Especialização em Mídias na Educação.

Dentre as atividades elaboradas para trabalhar os dois idiomas (principalmente enfrentar as dificuldades presentes na aprendizagem em L2) estão: criação de *powerpoint* com imagens visando trabalhar verbos regulares e irregulares, elaboração de textos curtos e de publicidade; construção de um jornal da turma, a partir de trabalho em grupo; utilização de livros clássicos e HQs em Língua Inglesa; a partir de filmes e de vídeos baixados da internet trabalhar conteúdos e valores sociais nos dois idiomas; propor trabalhos em que os alunos gravavam imagens, entrevistas ou apresentações em celular ou câmera digital, em um trabalho interdisciplinar (com a professora de Ciências, de Matemática, História, Geografia, Educação Física e Artística); utilizar o karaokê para realizar atividade avaliativa em Língua Inglesa (oralidade); reflexão e produção de textos, charges, imagens, histórias em quadrinhos, com base em mensagens em *powerpoint*; festival de paródias; palestra sobre Histórias em Quadrinhos; entre outras.

Acredita-se, como Masetto, Moran e Behrens (2000, p. 02), que “as mídias favorecem o desenvolvimento de uma série de capacidades e permitem o contato com linguagens variadas”. Os autores (2000, p. 02) ainda enfatizam que “a tecnologia eletrônica – televisão, videocassete, máquina de calcular, gravador e, principalmente, o computador – pode ser utilizada para gerar situações de aprendizagem com maior qualidade”. O que se pode concluir destas análises, é que o papel do professor precisa ser de criar atividades e ambientes em que as problematizações, reflexões e críticas tenham espaço, permitindo construir hipóteses para encontrar soluções de modo autônomo e, ao mesmo tempo, coletivo.

Em um segundo momento, também muito importante para a minha carreira profissional, novamente me defrontei com o uso de mídias para enriquecer a minha formação e ampliar horizontes. Atuando na Coordenação Pedagógica da SMECD nas áreas de Língua Portuguesa e Língua Inglesa, percebi o quanto há dificuldade de compreensão do que realmente sejam os “recursos midiáticos”. A maioria dos professores acham que os recursos midiáticos equivalem unicamente à utilização do computador com internet (como se o

instrumento sem conexão não tivesse valia). É um conceito equivocado e que precisa ser desmistificado a partir de atitudes que expandam e esclareçam sobre este conceito.

Deste modo, através de oficinas provenientes do Curso GESTAR II – Programa de Gestão da Aprendizagem em Língua Portuguesa, do qual eu fui formadora no município, e de encontros em Língua Inglesa, proporcionei momentos de interação, de demonstrações de atividades lúdicas e de pesquisa utilizando computador, *datashow*, livros, jornais e revistas, lâminas, rádio, televisão, filmes, CDs, DVDs, câmera, microfone, celular, buscando levar as cursistas/professoras a perceberem o quanto estes recursos facilitam a aprendizagem e aproximam o aluno da manipulação do conhecimento adquirido.

Para Masetto, Moran e Behrens (2000, p. 02), “a simples presença de tecnologias na escola não é, por si só, garantia de maior qualidade na educação, pois a aparente modernidade pode mascarar um ensino baseado na recepção e na memorização de informações”. Quer dizer que incorporar serviços e recursos que integrem mídias e conhecimentos é o procedimento mais adequado; é ilusão pensar que somente a utilização de rádio, televisão, dentre outros, e a solução dos problemas que envolvem alunos e as disciplinas do currículo: é a postura do educador que o levará a tornar a sala de aula um espaço interessante e significativo de ensinar e aprender.

Dizem os autores (MASETTO, MORAN E BEHRENS, 2000, p. 02), e foi importante conscientizar as professoras que participaram do GESTAR II, que este posicionamento modifica positivamente conforme os educadores têm acesso, e à medida que isso ocorre “[...] também estão aprendendo a olhar produtos prontos de maneira mais crítica. Aprendem a tratar a informação recebida diariamente e a selecionar as informações pertinentes aos seus afazeres didáticos”.

Seguindo as experiências de minhas atuações quanto professora, recentemente desenvolvi com os alunos das Séries/Anos Iniciais, onde atuo há 10 anos, projetos voltados à pesquisa sobre a Copa do Mundo em forma de Gincana, ampliando seus conhecimentos, trabalhando mapas e gráficos; trabalho com histórias animadas *online*; histórias matemáticas em *powerpoint*; aproveitamento das atividades proporcionadas pelo sistema Linux; atividades elaboradas por mim no Hot Potatoes; postagem no *blog* da escola das fotos e arquivos em *moviemaker* dos registros das atividades da turma.

Para a realização destas iniciativas, posso contar com cerca de 30 computadores disponíveis na Sala Digital da Escola Estadual de Ensino Fundamental “Antônio Silveira”, com *datashow* da escola, aparelhagem de som completa (incluindo *home cinema*), ampla

biblioteca e, principalmente, apoio da direção da escola e soma de trabalho com outras colegas das Séries/Anos Iniciais da Escola.

Cunha (2004) destaca ser essencial compreender que todos os passos dados em direção do binômio aprendizagem formal-midiática não encontram solidez se não ocorrer a reorganização da relação entre teoria e prática, o que exige a conscientização e o comprometimento com um ensino não-tradicional, mas voltado para significação do conhecimento. Sendo assim, me vali dos aportes teóricos estudados durante os anos de curso de especialização, retomando materiais e conceitos, como usabilidade, uso de imagem, interação, a facilidade de acesso à informação, possibilidade de publicação, preocupação com o papel social das mídias e do homem.

Com isso, junto aos meus alunos e às cursistas do GESTAR II, nos tornamos protagonistas, partícipes, mediadores de subjetividades e de conhecimentos, em uma perspectiva orgânica no processo de concepção, desenvolvimento e avaliação de experiências desenvolvidas a partir da utilização das mídias disponíveis. (CUNHA, 2004)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por tudo o que até então foi exposto neste artigo e com suporte de teóricos pesquisados, pode-se afirmar que as inovações e o prazer em aprender (e este último em plenitude, capacitando o sujeito a manipular o conhecimento adquirido), pressupõem não apenas arranjos metodológicos ou apropriação de tecnologia em sala de aula – exige uma nova epistemologia que se traduz nas práticas pedagógicas, voltadas para as realidades atendidas pelos professores e buscando um objetivo claro delimitado pela escola. (VALENTE, 1999)

Há, assim, a necessidade de se refletir acerca da mudança na concepção de aprendizagem que a escola tem, possua ela ou não recursos tecnológicos, entendendo mídias como algo mais amplo do que o uso do computador ou da internet. Os professores precisam ser capazes de atuar, repensar e criar novos ambientes de aprendizagem para que se alcance a tão falada e defendida modificação no sistema de ensino para que ele se torne eficaz.

Os recursos midiáticos tornam-se ferramentas específicas para consolidar estas mudanças, porém muitos professores têm dificuldade de desatar as amarras dos modelos que consideram mais seguros: o tradicional. Romper com hábitos, com rotinas, requer uma forte

ruptura interna de atitudes, rompendo com o estabelecido, dispondo-se a reaprender o exercício do Magistério. (ROSA, 2002)

Para Gadotti (2002), o professor, para tanto, precisa deixar de ser um “lecionador” para ser um organizador do conhecimento e da aprendizagem, trabalhando com os sentidos, colocando-se como aprendiz de um processo que muda diariamente, colocando-se como parte de um processo colaborativo.

O ensino no Brasil como um todo, e mais especificamente o de Língua Estrangeira, vem sofrendo com esse processo de conscientização e reconstrução através das mudanças históricas, legais e sociais porque o país passou.

Celani e Magalhães (2002, p. 322) destacam que:

O currículo torna explícito qual o conhecimento válido para o professor, o que é ensinar-aprender naquele contexto particular, quais são os papéis dos alunos e do professor, quais as formas de verificar o aprendizado dos alunos, que discursos e que saberes são valorizados, que concepções epistemológicas são vistas como válidas ou não, e, como resultado, quais os fracassos e os sucessos, bem como as razões que os embasam.

O que se pode confirmar a partir destas colocações é que faltam propostas pedagógicas que visem realmente um ensino eficaz, com elaboração de programas que atendam aos problemas enfrentados nas escolas, que priorizem um ensino igualitário que se sobreponham à falta de material didático adequado por uma prática pedagógica significativa e criativa, permitindo “processar mais rápido as informações, desenvolver seus sentidos e ter maior capacidade de raciocínio para discernir”, e isso em todas as disciplinas (KURT SQUIRE *apud* KENSKI, 2006, p. 217).

Deste modo, conforme Kenski (2006, p. 224) é possível repensar um ensino a partir da compreensão de que “[...] há necessidade de novas concepções para abordagens dos conteúdos, novas metodologias de ensino e novas perspectivas para a ação de professores, alunos e todos os profissionais da educação”.

Relacionando os enfoques da aprendizagem em Língua Inglesa, da aplicação de recursos midiáticos de forma consciente e adequada no cotidiano escolar, e do posicionamento dos professores frente às mudanças sociais e educativas, pode-se afirmar que é possível e válido repensar as atuações docentes frente aos desafios propostos pela mídia e pelo desinteresse dos adolescentes em aprender de modo mecânico e desestimulante baseado na decoreba de fórmulas e regras.

O uso de recursos midiáticos, especialmente os relacionados à mídia eletrônica, permitem que aspectos como dinamicidade, exercícios diversificados, tornando-se estímulos para a participação dos alunos, auxiliando a encontrar os erros para solucionar as dificuldades de aprendizagem que surgirem, com princípios avaliativos claros, explicações transparentes, visando um conhecimento autônomo, com domínio das habilidades fundamentais no ensino de um segundo idioma, permitindo que aconteçam situações reais de interação.

Sendo assim, constata-se que é primordial que o aluno tenha prazer em aprender e que receba estimulação constante para isso – objetivo para o qual os recursos midiáticos servem perfeitamente. Para isso, porém, é preciso que aconteça uma revisão de posições dos docentes neste sentido, fazendo com que suas horas/aulas – de Língua Inglesa, Portuguesa ou qualquer outro componente curricular –, sejam de qualidade, constituindo-se não em nota ou aprovação, somente, mas em aproveitamento, em desenvolvimento, expandindo seus conhecimentos rumo à melhor qualificação de professores e alunos.

Entre as sugestões para o trabalho com Língua Inglesa, está a possibilidade de realização de realizar atividades *online*, com acompanhamento do professor na postagem em um jornal virtual, como acontece na escola em que trabalho, onde a professora da disciplina (que participou do curso de formação do GESTAR II em Língua Portuguesa e adaptou as atividades para a área de Língua Estrangeira em que atua) faz o acompanhamento e orienta as ações realizadas pelos alunos antes de torná-las públicas. Ainda que sem contato direto, necessariamente, a comunicação virtual com o professor compromete o aluno a realizar o que é solicitado e desenvolver estratégias próprias de conhecimento.

Na perspectiva defendida e teorizada no presente trabalho, compreende-se o papel do professor como de um auxiliar que ensinará e aprenderá com seus alunos a educarem o olhar, a interpretarem e compreenderem a L2, comparando, percebendo e analisando as manifestações culturais e valores de um mundo tão diferente e tão semelhante ao seu.

Itens relacionados aos princípios de ergonomia (fundamentais para a correta exploração crítica) facilitam, interagem e “prendem” a atenção do aluno, propiciando uma total imersão no idioma e no recurso midiático que o sustenta. Atividades prazerosas e o contato consciente com a mídia incentivarão não apenas a aprendizagem, mas também a percepção de que estes recursos servem para pesquisa, descobertas, experiências, contato com outras culturas e pessoas, enriquecimento acadêmico, pessoal e profissional. Os resultados aproximam o professor do aluno, o contato positivo com o mesmo o incentiva a produzir mais e também a manipular os recursos midiáticos com total intencionalidade político-pedagógica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Campinas: Pontes, 1993.

BOCK, Ana M. Bahia; FURTADO, Odair & TEIXEIRA, Maria de Lourdes T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia**. 6 ed. São Paulo: Saraiva, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Orientações educacionais complementares aos parâmetros curriculares nacionais PCN+**). Disponível online:

<http://www.mec.gov.br/semtec/ftp/linguagens.doc>. Acesso em 29 de janeiro de 2007.

BROWN, H. D. **Principles of language learning and teaching**. New Jersey: Prentice Hall Regents, 1994.

_____. **Linguagem visual**. Brasília: Ministério de Educação, Cultura e Desporto/Secretaria de Educação à Distância. Responsável pelo Módulo e Conteudista: HOELTZER, Carlos Gustavo. (CD do Curso de Especialização em Mídias na Educação – Programa de Formação Continuada Mídias na Educação – Módulo 4 – Design e Usabilidade – Etapa 2 – “Design e Linguagem Visual”).

CELANI, M. A. A; MAGALHÃES, M. C. C. Representações de professores como língua estrangeira sobre suas identidades profissionais: uma proposta de reconstrução. IN: MOITA LOPES, L. P.; BASTOS, L. C. (Orgs.). **Identidades: recortes multi e interdisciplinares**. Campinas, Mercado de Letras. 2002.

CUNHA, M. I. Diferentes olhares sobre as práticas pedagógicas no ensino superior: a docência e sua formação. **Educação** (Porto Alegre), v.54, n.3, p.525-36, 2004.

DEMO, Pedro. **Ser professor é cuidar que o aluno aprenda**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

GADOTTI, Moacir. **A boniteza de um sonho: aprender e ensinar com sentido**. Abceducatio. ano III, n. 17, p. 30-33, 2002.

KENSKI, V. M. Futuros nas relações entre novas educações e tecnologias. In: SILVA, Aínda Maria Monteiro (org.) et al. **Políticas educacionais, tecnologias e formação do educador: repercussões sobre a didática e as práticas de ensino**. Recife: ENDIPE, 2006.

KOMATSU, Ricardo S.; ZANOLLI, Maurício B.; LIMA, Valéria V.; PEREIRA, Sissi M.S.F.; FIORINI, Vânia M.L.; BRANDA, Luís A.; PADILHA, Roberto Q. (editores). **Guia**

do processo de ensino-aprendizagem “Aprender a Aprender”. 4. ed. Marília: FAMEMA (Faculdade de Medicina de Marília), 2003. (CD do Curso de Especialização em Mídias na Educação – Programa de Formação Continuada Mídias na Educação – Módulo Intermediário Informática – “A co-autoria como estratégia de aprendizagem”).

LEFFA, Vilson José. **Fatores da compreensão na leitura**. Cadernos do IL, Porto Alegre: 1996.

MASETTO, Marcos; MORAN, José; BEHRENS, Marilda. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000. (CD do Curso de Especialização em Mídias na Educação – Programa de Formação Continuada Mídias na Educação – Módulo Básico de Material Impresso – “A autoria como estratégia de aprendizagem”).

MOORE, M. G.; KEASRLEY, G. **Educação a distância: uma visão integrada**. Tradução Roberto Galman. São Paulo: Thompson Learning, 2007.

MURRIE, Zuleika de Felice (org.). **O ensino de português: do primeiro grau à universidade**. 5 ed. Coleção Repensando o Ensino. São Paulo: Contexto, 2001.

NORTON, B. **Identity and language learning: gender, ethnicity, and educational change**. Harlow: Longman/Pearson Education, 2000.

PAIVA, Vera L.M.O. A LDB e a legislação vigente sobre o ensino e a formação de professor de língua inglesa. In: STEVENS, C.M.T e CUNHA, M.J. **Caminhos e colheitas: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil**. Brasília: UnB, 2003

ROSA, Sanny S. da. **Construtivismo e mudança**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

VALENTE, José Armando (org.). **O computador na sociedade do conhecimento**. Campinas: UNICAMP/NIED, 1999.

XAVIER, Maria Luísa M. & DALLA ZEN, Maria Isabel H. (orgs.). **Ensino da língua materna: para além da tradição**. 2 ed. Cadernos Educação Básica, volume 3, Porto Alegre: Mediação, 1999.